



Nas bancas

Estudo alerta para uso inadequado de órteses em tratamento de lesões

RAQUEL DO CARMO SANTOS

kel@unicamp.br

A terapeuta ocupacional Iracema Vergotti Ferrigno alerta para o uso inadequado de órteses de punho para prevenção e tratamento de doenças relacionadas ao uso excessivo de computador. Ela realizou pesquisa de doutorado na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) em indivíduos saudáveis e observou o comportamento muscular e o grau de alteração na atividade eletromiográfica, que se traduz pelo nível de contração do músculo.

Os resultados com o uso de órteses mostraram que houve aumento da contração dos músculos da região do pescoço, no trapézio. Não ocorreu o repouso esperado no antebraço e na região do músculo extensor ulnar do carpo. Por outro lado, houve aumento da atividade do músculo flexor superficial dos dedos, que é a musculatura responsável pela estabilidade do punho e movimentos dos dedos.

O estudo apontou a necessidade de um monitoramento e treinamento de pacientes que recebem a indicação de uso de órteses, com o intuito de verificar se os efeitos positivos estão realmente ocorrendo no tratamento das lesões. “Não se trata de negar a eficiência das órteses na terapia da mão, pois ela é importante tanto nos tratamentos conservadores quanto no pré-cirúrgico, mas sim de chamar a atenção para o uso mais qualificado”, argumenta. Outra sugestão do estudo é a necessidade de critérios rigorosos para a escolha e indicação das órteses funcionais, especialmente para aqueles que frequentemente usam o computador. Isto porque existe uma variedade de modelos disponíveis no mercado e a automedicação tem encontrado cada vez mais adeptos. Iracema enfatiza que o uso deve ser prescrito por um especialista.

Com a massificação dos computadores, explica a terapeuta, passou a ser recorrente o aparecimento de problemas musculares, principal-

mente nas regiões das mãos e pescoço. Na sua prática clínica de muitos anos com cirurgias de mão, a pesquisadora percebia um grande número de pessoas com disfunções musculares no membro superior alterados pela prática de digitação. “Além da experiência clínica, lecionei conteúdo sobre órteses na Universidade Federal de São Carlos, o que me estimulou a aprofundar o conhecimento sobre esse recurso terapêutico e favoreceu o embasamento para o desenvolvimento de uma pesquisa cujo resultado pode beneficiar e aprimorar a atuação prática dos profissionais”, ressalta.

A avaliação dos resultados consta do estudo orientado pelo professor Alberto Cliquet Júnior. Foi feita com 23 estudantes universitários, com idade entre 18 e 26 anos, e a proposta foi a realização de tarefas padronizadas de digitação e uso do mouse com dois tipos de órteses de punho – a de termoplástico e pré-fabricada em tecido. Foram feitos ainda testes sem o uso das órteses. A simulação foi realizada dentro das configurações de teclado e mouse utilizados normalmente em laboratórios de universidades e escritórios para que os resultados fossem bem próximos da realidade encontrada.

Segundo Iracema, os investimentos em móveis adequados ocorre ainda de forma tímida. Os modelos de equipamentos atendem apenas algumas das necessidades e as iniciativas de programas ergométricos nas empresas são pontuais e pouco disseminadas. No âmbito governamental existem normas técnicas para orientação que ajudam a estabelecer parâmetros para a prevenção dos distúrbios. A questão, no entanto, é que o uso de computadores tem se alastrado de maneira rápida e não na mesma proporção das pesquisas na área.



De acordo com a terapeuta ocupacional Iracema Vergotti Ferrigno (destaque), os critérios para a escolha e indicação das órteses precisam ser rigorosos

“A informatização tem papel importante nas conquistas alcançadas na atualidade como meio de comunicação e de trabalho. Neste sentido, o número de pessoas acometidas pelas lesões de esforços repetitivos no membro superior pode ser cada vez maior. Para a prevenção desses agravos, é importante que se façam investigações científicas em relação às tarefas, aos sujeitos, aos modelos de órteses, dentre outros aspectos”, afirma.



Crônicas aproximam estudantes da Química

Não só em laboratórios ou por meio de livros didáticos se ensina química. Pelo menos, esta foi a proposta de Silmar José Spinardi Franchi ao elaborar um conjunto de crônicas para servir de alternativa para interar o aluno do conhecimento químico. Franchi testou a sua iniciativa em uma escola pública da região de Campinas e acredita que a ferramenta será uma boa forma de o professor alcançar resultados positivos em suas atividades em sala de aula, para uma das disciplinas mais desafiadoras no cenário educacional.

Orientado pelo professor Pedro Faria dos Santos Filho, Franchi, que tem formação em Química, elaborou uma série de quinze crônicas, cujo teor se insere no conteúdo de química do ensino médio. Um exemplo é a sátira feita à descoberta do sabão, onde as explicações se desenvolvem a partir do diálogo entre dois pescadores, e mostra uma forma artesanal com que o produto pode ser feito.

“É uma maneira de aproximar o aluno da disciplina. Todos os elementos utilizados fazem parte do cotidiano e da realidade do estudante e qualquer um

pode se identificar com os personagens e com as situações. Além do mais, a leitura prende a atenção e fica mais fácil de assimilar o conteúdo”, destaca Franchi, que apresentou dissertação de mestrado no Instituto de Química (IQ).

Outra vantagem da inovadora forma de ensinar um conteúdo de ciências exatas a partir do viés literário, é que as crônicas podem ser trabalhadas em paralelo com áreas como biologia, geografia, matemática, o que caracteriza uma abordagem interdisciplinar. Em média, as crônicas possuem poucas páginas, mas algumas possuem o status de conto, com até 20 páginas.

No início do trabalho, conta Franchi, as dificuldades em encontrar a linguagem adequada e o foco correto faziam com que uma história fosse concluída em três semanas. “Foi difícil encontrar o equilíbrio para que não ficasse algo chato e sem interesse para o leitor. Hoje já consigo fazer uma crônica por dia”, comemora. Vários textos possuem até mesmo ilustrações que Franchi conseguiu graças a uma parceria com o cartunista Rodolpho Spinardi Giglio. Este aspecto, segundo

ele, auxilia ainda mais o esclarecimento de determinados conceitos e dá ao trabalho um aspecto lúdico.

Para os testes na escola pública, o químico selecionou três crônicas para submeter aos alunos, com conteúdo químico já ministrado pelo professor. São elas “Lá na pescaria”, “De olho na natureza” e “Namorados no ponto... de ebulição”. Na sequência, ele aplicou um questionário para que os alunos se manifestassem sobre a maneira de contextualizar os conceitos da disciplina. A intenção, explica Franchi, foi perceber o quanto a ferramenta poderia contribuir com a aula, e não fazer um levantamento estatístico rigoroso sobre o aprendizado.

Algo interessante observado nas respostas foi que o fato de proporcionar um conhecimento sobre aspectos da química no dia a dia, os alunos entrevistados declararam que conversariam sobre o conteúdo das crônicas fora do ambiente escolar, além de estarem predispostos a reproduzir alguns dos experimentos descritos nas crônicas. Desta forma, esta estratégia se insere dentro dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais. (R.C.S.)



Silmar José Spinardi Franchi (à direita), autor da pesquisa, e o professor Pedro Faria dos Santos Filho: “Todos os elementos utilizados fazem parte do cotidiano e da realidade do estudante”